

## **APRESENTAÇÃO – DOSSIÊ**

### **RACISMO NA CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI**

Mariana Panta<sup>1</sup>  
Maria Nilza da Silva<sup>2</sup>

Foram quase quatro séculos de manutenção do sistema escravocrata no Brasil, dispositivo de exploração atroz imprescindível para a compreensão da estrutura societária brasileira, hierarquicamente organizada a partir de categorias raciais. Desde o tráfico humano transatlântico, os negros foram submetidos a um brutal processo de desumanização, torturados e forçados a servir de mão de obra gratuita aos grupos considerados superiores. No período pós-abolição, sobretudo na virada do século XIX para o XX, a vida dos negros foi concebida como descartável, passível de aniquilação, premissa defendida pela elite política e intelectual brasileira da época que, vinculada a matrizes teóricas estrangeiras, pseudocientíficas, atuou em defesa do branqueamento físico e cultural do povo brasileiro, como símbolo de progresso.

Passados 132 anos da abolição da escravatura no Brasil (1888), a população negra, que hoje corresponde a 56% do contingente populacional do país (IBGE, 2019), continua a ter sua trajetória violentamente impactada pelas profundas desigualdades decorrentes da discriminação racial e pelas agruras derivadas do racismo que, em suas variadas configurações - individual, institucional e

---

<sup>1</sup> Pós-Doutoranda e professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina, com bolsa concedida pela CAPES. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista - UNESP – Campus Marília (2018), com a realização de Estágio de Investigação Doutoral no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal, como bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - PDSE-CAPES (2017). Tem experiência nos seguintes campos de investigação: Relações Raciais, Racismo, Segregação Urbana e Racial, Educação Antirracista, Políticas Públicas, Trajetórias de Personalidades Negras e Pensamento Decolonial.

<sup>2</sup> Foi pesquisadora convidada e realizou o Pós-Doutoramento no Centre d'Analyse et d'Intervention Sociologiques, junto a École des Hautes Études en Sciences Sociales - CADIS/EHESS em Paris entre maio de 2010 e abril de 2011. No período foi bolsista da Capes. Concluiu o Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2004. Foi bolsista produtividade de março de 2009 a fevereiro de 2015. Atualmente é Professora Titular de Sociologia da Universidade Estadual de Londrina, com atuação no curso de Graduação em Ciências Sociais e de Pós-Graduação em Sociologia. Foi membro da Comissão Técnica Nacional de Diversidade para Assuntos Relacionados à Educação dos Afro-Brasileiros - CADARA, do Ministério da Educação de 2005 a 2010. Coordena projeto de pesquisa sobre Migração Internacional e de extensão sobre as ações afirmativas e população afro-brasileira. Obteve financiamentos e coordena projetos financiados pelas agências de fomento no Brasil. É coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) e do Laboratório de Cultura e Estudos Afro-Brasileiros (LEAFRO) da UEL. Foi consultora da UNESCO em 2016 e 2017 referente aos estudos africanos, afrobrasileiros e a migração africana atual. Foi Assessora Acadêmica na III Conferência Regional de Ensino Superior CRES 2018 no eixo Educación superior, diversidad cultural e interculturalidad en América Latina.

estrutural - persiste causando destruições e mortes nas sociedades contemporâneas de todo o mundo. É por estas razões que, nesse difícil contexto, aceitamos o gentil convite para organizar o dossiê *Racismo na Contemporaneidade: Desafios para o Século XXI*, valiosa iniciativa dos editores da revista *Crítica e Sociedade* no sentido de reafirmar o compromisso da pesquisa e da ciência em prol de reflexões e diálogos antirracistas.

Em 2020 temos assistido e vivenciado mudanças drásticas nas relações sociais que afetam a humanidade em consequência da pandemia da COVID-19, impactando a vida de todos os indivíduos, das mais diferentes condições socioeconômicas e culturais. Contudo, é na vida das populações mais empobrecidas que os estragos são maiores, notadamente na das populações negras e dos povos indígenas da América Latina, caracterizados, em sua maioria, pela situação de vulnerabilidade em todas as esferas da vida social. A população negra supera 75% do contingente mais empobrecido do país, portanto submetida à segregação espacial e social, com limitações de acesso à educação de qualidade, ao trabalho, à saúde, à habitação e com restritas condições sociais, culturais e econômicas para que possa viver plenamente com dignidade. É nesse dramático contexto que as ciências são interpeladas a pensar a realidade atual, com vistas à construção de um mundo melhor tanto em sua totalidade quanto localmente.

Na atual conjuntura, constata-se de forma ainda mais explícita as devastadoras consequências do racismo, com homicídios de trabalhadores, jovens e crianças negras. Esta realidade está presente em dimensão mundial, em vários países, de forma particular no Brasil, país no qual a população negra é a vítima preferencial de todas as formas de discriminação, depreciação e violências decorrentes do racismo (físico, psíquico e simbólico). A violência, muitas vezes praticada por agentes do Estado, produz consequências nefastas na vida dos atingidos. Diante desta realidade, em que se leva em conta também o atual cenário político, marcado por discursos e iniciativas que buscam cercear o desenvolvimento de planos eficazes de combate ao racismo e opressões correlatas, acreditamos que pesquisas e reflexões aprofundadas sobre este fenômeno poderão contribuir para a criação de estratégias que visem a mudanças significativas na sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, o dossiê se inicia com o artigo de Kabengele Munanga, *As Religiões de Matriz Africana e Intolerância Religiosa*, que apresenta uma reflexão crítica sobre as persistentes violências contra a população negra no Brasil, desde a barbárie do sequestro e tráfico transatlântico de milhões de africanos para as Américas - processo através do qual os africanos foram desumanizados, subjugados e reduzidos à condição de mercadoria para serem escravizados - até as práticas discriminatórias decorrentes do racismo nos dias atuais. O enfoque principal incide sobre

a *discriminação religiosa* embutida no racismo à brasileira e as vigorosas tentativas de aniquilamento das religiões de matriz africana, objeto estas de perseguições violentas e campanhas de destruição que demonizam essas religiões. Dentre os diversos pontos cruciais da análise do autor, destacamos a crítica magistral à noção de *intolerância religiosa*. Escreve Munanga: “O que as religiões de matriz africana sofrem hoje, no Brasil, não é a intolerância em si, é uma discriminação racial que visa sua eliminação total do universo religioso brasileiro que é por definição plural”. Interroga-se: “Como as religiões de matriz africana conseguiram resistir, sobreviver para se tornarem um dos patrimônios culturais brasileiro, cubano, haitiano, colombiano, venezuelano, entre outros?”. “Onde estaria escondido o segredo dessa resistência, que surpreende o mundo diante de tanta força opressiva e destruidora pela qual passaram os africanos escravizados e seus descendentes de hoje?”. “Como isso foi possível diante das relações assimétricas de poder entre escravizados e senhores donos das fazendas e engenhos, seus escravizadores?”. Estas são algumas das questões que permeiam a reflexão de Munanga e que nos estimulam a pensar criticamente sobre o tema.

O artigo, *Bairros Negros, a Forma Urbana das Populações Negras no Brasil: Disciplina da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, de autoria de Henrique Cunha Júnior, discorre sobre o contexto de criação de uma disciplina acadêmica que trate da produção do espaço urbano brasileiro circunscrita às populações negras. A luta pela consolidação de uma disciplina ancorada em perspectivas pan-africanistas, na filosofia e história africana e na produção de intelectuais negros, com destaque para a obra de autores como Guerreiro Ramos, Narcimária Luz, Clóvis Moura e Kabengele Munanga, emerge da necessidade de romper, conceitual e epistemologicamente, com modelos científicos tradicionalistas alicerçados na produção europeia, historicamente lida como soberana e universal. Esse padrão colonial de conhecimento não reflete as particularidades de países latino-americanos, tampouco as especificidades das populações negras nas cidades brasileiras, persistentemente negligenciadas nas análises realizadas pelas correntes canônicas de pensamento. Cunha ainda sinaliza para a necessidade de investigações que analisem a produção do espaço urbano, tal como delineado no Brasil, como produto do racismo estrutural. As reflexões empreendidas pelo autor nos alertam, por fim, para a urgência de transformação dos currículos acadêmicos com vistas à consolidação de uma educação pública antirracista.

No artigo *Cidade, Branqueamento e Colonialidade: A Construção dos Matizes da Identidade de Londrina e os Impactos sobre a População Negra*, Mariana Panta e Maria Nilza da Silva analisam, sob o prisma da Sociologia, tanto o início da formação de Londrina - cidade localizada no norte do Paraná, região Sul do Brasil -, décadas de 1920-1950, situando-a no cenário nacional, quanto a construção dos matizes de sua identidade com seus impactos sobre a população negra na

atualidade. Para estudar este problema, as autoras destacam os conceitos de *ideologia do branqueamento* e de *colonialidade* em articulação com a história da cidade. Panta e Silva evidenciam que a lógica do colonialismo, persistente sob a forma de colonialidade, articulada às especificidades do racismo no Brasil, que se alicerça na ideologia do branqueamento e no mito da democracia racial, serviu, sobrepondo-se a tantos outros infortúnios, para impedir o reconhecimento das contribuições dos negros e da sua própria existência, condenando-os ao ostracismo. Outra face dessa dinâmica é a segregação urbana com evidente marca racial, que faz com que os negros ocupem, em sua maioria, os territórios pobres e estigmatizados de diversas cidades brasileiras e Londrina encontra-se inscrita nessa realidade, reproduzindo as injustiças sociais às quais, historicamente, é submetida a população negra, sobretudo nas esferas econômica e cultural.

Anny Ocoró Loango, no artigo *El Racismo Estructural y la Expansión de las Fronteras del Autoritarismo en América Latina*, analisa quatro problemas centrais que afligem o contexto latino-americano e que se têm expandido significativamente nessa região, a saber: as fronteiras da *desigualdade* e da *exclusão*; as fronteiras do *racismo estrutural*; as fronteiras do *capital*, e as fronteiras do *autoritarismo*. Loango afirma que essas fronteiras de exclusão se articulam e se sustentam mutuamente. A autora discorre ainda sobre o modo como a atual conjuntura encontra-se permeada de discursos autoritários que se impõem em países da América Latina, sustentados pela extrema direita, setores conservadores e segmentos religiosos, especialmente de algumas denominações evangélicas. Os discursos de ódio disseminados por estes segmentos, ancorados no racismo estrutural, que aflige a vida das populações negras e de povos indígenas nos mais diferentes contextos, buscam preservar seus privilégios sociais e consolidar uma hegemonia cultural, aprofundando, assim, as desigualdades que impactam grupos historicamente subalternizados na América Latina. É sob este prisma que Loango enfatiza a importância de construir uma agenda política e social pautada na equidade, com iniciativas antirracistas e ações contra-hegemônicas capazes de propiciar o desenvolvimento baseado em valores democráticos e na garantia de direitos a todos os seres humanos.

No artigo *Enseño da História da África e da Diáspora Africana: Instrumento para uma Educação Afro-Latina-Americana Antirracista*, Andréa Pires Rocha e José Francisco dos Santos não apenas revisitam a história do racismo na América Latina, mas também demonstram como a diáspora negra é a formadora dessa região do continente americano. Não obstante dar-se ênfase às consequências perversas do racismo - que dizimou milhões de africanos e seus descendentes durante a escravatura, assim como marginalizou e excluiu este grupo social no período pós-abolição - os autores destacam a importância de construir e fortalecer uma identidade Afro-Latina-

Americana antirracista. No intento de delinear caminhos para a consolidação dessa identidade, que se contraponha a perspectivas enraizadas no eurocentrismo, Rocha e Santos trazem à baila referências de grande envergadura no sentido de respaldar e fundamentar o conhecimento aprofundado da história da África e da diáspora africana em suas dimensões culturais, políticas, econômicas, religiosas, entre outras. Na concepção dos autores, o ensino da história da África e da diáspora africana se configuraria como poderoso instrumento contra-hegemônico, “capaz de possibilitar uma *práxis* antirracista fundamentada na compreensão dos laços históricos e culturais entre América e África, em especial, entre a América Latina e a África Subsaariana, em uma relação Sul-Sul”.

Por fim, Alexsandro Eleotério Souza, no artigo *Reivindicando uma Identidade Historicamente Plural: Políticas de Ação Afirmativa e as Construções Identitárias Exigidas e Manipuladas por seus Beneficiários*, analisa alguns dos impactos do racismo na trajetória de estudantes negros beneficiários de políticas de ação afirmativa, mais precisamente, do sistema de cotas para negros. Simultaneamente, o autor busca compreender como essas políticas atuam sobre as subjetividades de jovens negros, sobretudo no que se refere à autoidentificação e autoafirmação desses jovens como negros. Embasado em referenciais teóricos pertinentes ao tema e na pesquisa empírica, alicerçada em entrevistas qualitativas com estudantes negros do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Londrina, Souza versa sobre diversas formas de discriminação que afetam a vida desses jovens, dentre as quais destacamos o tratamento discriminatório por parte de docentes e discentes; o não-reconhecimento de negros em áreas formativas de maior *status*, como a medicina, havendo a tendência a associá-los à posição de trabalhadores que ocupam a base da hierarquia social; inseguranças a que estão sujeitos os negros por causa do racismo. Diante do requisito de autodeclarar-se negro para usufruir do sistema de cotas específico, muitos se deparam ainda com situações complexas de identificação com a raça/cor, experiências que reiteram as análises de Neusa Santos sobre o árduo processo de “*tornar-se negro*”.

Esperamos que as discussões empreendidas pelos autores deste dossiê temático possam contribuir para a potencialização de uma perspectiva abrangente e integrada que evidencie, no vasto campo das desigualdades e das discriminações, a complexidade do racismo. Este fenômeno multidimensional deve ser estudado tanto por meio de dados quantitativos, quanto por meio de teorias, pesquisas científicas e dados qualitativos, propícios para desvelar elementos não-quantificáveis. Pretendemos, assim, estimular a ampliação de investigações inovadoras não apenas sobre o racismo, mas também sobre estratégias para o seu enfrentamento, que devem integrar as

agendas de pesquisa atuais das Ciências Sociais e áreas correlatas do conhecimento científico e do saber, com vistas a transformar as estruturas sociais contemporâneas em suas práxis.

Boa Leitura!